



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VIVIA ALVES OLIVEIRA FRANKLIM

**O TRABALHO DO PROFESSOR DIANTE DAS DIFICULDADES DAS
CRIANÇAS QUE CHEGAM AO 5º ANO SEM SEREM
ALFABETIZADAS**

**RIO DE JANEIRO
2022**

VIVIA ALVES OLIVEIRA FRANKLIM

**O TRABALHO DO PROFESSOR DIANTE DAS DIFICULDADES DAS
CRIANÇAS QUE CHEGAM AO 5º ANO SEM SEREM
ALFABETIZADAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários a obtenção de grau do curso de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luciene Cerdas

RIO DE JANEIRO

2022

VIVIA ALVES OLIVEIRA FRANKLIM

**O TRABALHO DO PROFESSOR DIANTE DAS DIFICULDADES DAS
CRIANÇAS QUE CHEGAM AO 5º ANO SEM SEREM
ALFABETIZADAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau do curso de licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Luciene Cerdas

Professor (a) convidado (a): Prof^ª. Dr^ª. Jussara Paschoalino

Professor (a) convidado (a): Prof^ª. Dr^ª Patrícia Baroni

**RIO DE JANEIRO
2022**

AGRADECIMENTOS

QUERO AGRADECER...

A Deus “Que me deu o dom da vida, me presenteou com a liberdade, me abençoou e me capacitou, dando-me a graça de lutar para a conquista desta realização. A Ele cabe todo louvor e glória, a me, humildemente agradecer.” Tu és a razão da jornada, tu és minha estrada. Meu guia e meu fim. Em ti confio, meu Deus. Tu que me deste tuas mãos na longa caminhada do saber.

A minha família em especial aos meus pais Antônio dos Santos (*In memoriam*) e Maria da Glória muito obrigado todo especial coroado com muito reconhecimento pelo apoio, pelas palavras de encorajamento, pelo suporte nas horas mais difíceis, enfim pela força fundamental que me fez iniciar, dar continuidade e finalizar com êxito mais uma etapa da minha vida as minhas irmãs e sobrinhas, fonte inspiradora de confiança e perseverança sempre.

Ao meu amado esposo Elivelton, agradeço pelo companheirismo, pelas sábias palavras, gestos sempre muito motivadores e pelo cuidado com nossos filhos Cauã e Davi enquanto estava em busca do meu sonho. Aos meus filhos por compreender em algum momento a minha ausência na vida deles para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

As minhas amigas que através das palavras ou silêncio, estiveram presentes nessa caminhada acadêmica se fazendo presente e alegrando minha vida, Andressa, Carla, Elaine, Rayara, Rafaela e Flávia Regina que dividiram comigo, situações árduas, difíceis, porém alegres, ao percorrer deste curso, agradeço pelo apoio, força e cumplicidade, meninas sem vocês a graduação não seria a mesma, grata por todos esses anos de convívio e ensinamento.

Por último, mas não menos importante quero agradecer a minha orientadora Luciene Cerdas pela sua dedicação e paciência durante o projeto. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado deste trabalho. Grata por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza que podemos ser interrompidos antes de terminar. Fazer da interrupção, um caminho novo. Fazer da queda, um passo de dança. Do medo, uma escada. Do sonho, uma ponte. Da procura, um encontro.”

(Fernando Sabino)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como acontecem os processos de Alfabetização e Letramento numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental diante das dificuldades das crianças que não estão alfabetizadas. Além disso, essa pesquisa pretende discutir sobre as práticas docentes e as metodologias que são utilizadas em sala de aula pelo professor. Deste modo, para referenciar este estudo foi utilizado autores como Mortatti (2004), Soares (2003), Kleiman (2005), Tfouni (2018) e Colello (2001), dentre outros. A pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos para coletar os dados: a entrevista. Foi estabelecida conversa com professor regente do 5º ano. A partir dessa pesquisa, obtivemos resultados sugeridos sobre a importância das escolhas dos métodos utilizados pelo professor para a leitura e escrita dos alunos. A pesquisa é construída por meio dos conceitos e processos de alfabetização e letramento, e discussões contemporâneas sobre o tema, trazendo à tona a importância das perspectivas atuais de letramento/alfabetização. O estudo permite reflexões sobre a importância da formação continuada para os professores e sobre o como os alunos podem se apropriar da alfabetização e letramento.

Palavras- chave: alfabetização; ensino fundamental; dificuldade de aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DISCUTINDO CONCEITOS.....
1.1 Alfabetização
1.2 Letramento.....
1.3 Discussões contemporâneas sobre Alfabetização e Letramento.....
1.4 Os métodos de Alfabetização na perspectiva do alfabetizar letrando.....
2 CAMINHOS METODOLÓGICO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS
2.1 A realização do trabalho de campo.....
2.2 Os participantes da pesquisa.....
3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM CLASSES DO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO ACONTECEM ESSES PROCESSOS	
3.1 Como as metodologias dos alfabetizadores contribuem para a apropriação da Alfabetização e Letramento dos educandos(as) do 5º ano do ensino fundamental.....
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
REFERÊNCIAS.....
APÊNDICE- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ALFABETIZADOR

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é o resultado de uma pesquisa sobre Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco principal em uma classe do 5º ano do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro- RJ.

Como futura educadora, tive interesse, e vontade de me aprofundar neste tema, por compreender que a Alfabetização e o Letramento são temas imprescindíveis na minha formação docente e em minha atuação como pedagoga. Meu interesse na educação, e posteriormente nos processos alfabetizadores surgiu a partir do estágio que realizei no Ensino Médio, o magistério, onde pude ter a oportunidade de ficar em uma turma de 2ª série, hoje o 3º ano do Ensino Fundamental. Esta experiência contribuiu para a escolha do curso de Pedagogia. Depois que terminei o Ensino Médio, comecei a trabalhar em escolas particulares do bairro onde moro, com turmas de 4º e 5º ano e ainda consegui trabalhar com crianças sendo explicadora e isso provocou uma curiosidade e vontade de me aprofundar neste tema. Já inserida no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tive o privilégio de cursar no 4º período a disciplina Alfabetização e Letramento.

Dessa forma, a partir das discussões realizadas ao longo da referida disciplina e a minha experiência com alfabetização, me motivaram a escolher o tema acima citado para a elaboração desta monografia. A Alfabetização e Letramento são temas imprescindíveis para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Assim, compreende-se que é de suma importância estudá-los profundamente, através de teóricos como Magda Soares (1998), a qual confirma que o Brasil acordou para o fenômeno do Letramento a partir do momento em que compreendeu que o problema do analfabetismo, não é apenas ensinar a ler e escrever, e sim possibilitar às crianças e adultos que se apropriem da leitura e da escrita envolvendo-se em práticas sociais. Soares (2003) ao definir os dois processos nos diz que enquanto alfabetizar significa conduzir a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita.

Uma criança alfabetizada sabe ler e escrever; já uma criança letrada tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. Tfouni (2018) explicita que o letramento, pensado aqui como um processo mais amplo que a alfabetização e que a contém e determina, está relacionado com a existência e a influência de um sistema de escrita, socialmente vigente em uma sociedade letrada. Kleiman (2005) enfatiza ainda que a

alfabetização tem características específicas diferentes das do letramento, mas é parte integrante dele, como prática escolar ela é essencial: todos, crianças, jovens ou adultos precisam ser alfabetizados para poder participar, de forma autônoma, das muitas práticas de letramento das diferentes instituições. Logo, as autoras mostram esses processos como diferentes, mas enfatizam a integração de ambos como processos interligados, trazendo a importância de se alfabetizar letrando, para assim, adquirir uma prática educativa satisfatória.

Dentro dessa discussão, é de grande relevância apresentar alguns dados referentes a uma pesquisa sobre Alfabetização e Letramento, feita pelo Instituto Paulo Montenegro, em relação ao Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF (2018). Ela mostra que 71% da população brasileira podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, dois pontos percentuais abaixo do índice registrado em 2015. Apesar desse recuo, vale destacar o crescimento, no mesmo período, das pessoas que estão no nível Proficiente (de 8% para 12%), o que significa que são capazes de elaborar textos de diferentes tipos e de interpretar tabelas e gráficos. No outro extremo, da parcela de analfabetos funcionais, observa-se o aumento de quatro pontos percentuais no nível mais baixo de alfabetismo.

Esses índices são de pessoas acima de 15 anos, que são frutos de um processo de escolarização que não consegue alfabetizar de maneira satisfatória. Ou seja, um percentual muito baixo da população brasileira tem pleno domínio da leitura e da escrita. O papel da escola neste contexto educacional não é uma simples aprendizagem mecânica, de codificar e decodificar os códigos de linguagem vai além do ler e escrever, por isso a importância de se alfabetizar letrando, trazendo a criança para o processo de alfabetização através de vários gêneros textuais, através da leitura da palavra e do mundo.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) 2018 a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano Nacional de Educação (PNE) divulgado pelo IBGE. Em números absolutos, a taxa representa 11,5 milhões de pessoas que ainda não sabem ler e escrever. A incidência chega a ser quase três vezes maior na faixa da população de 60 anos ou mais de idade, 19,3%, e mais que o dobro entre pretos e pardos (9,3%) em relação aos brancos (4,0%), quatorze das 27 unidades da federação, porém, já conseguiram alcançar a meta do PNE, mas o abismo regional ainda é grande, principalmente no Nordeste, que registrou a maior taxa entre as regiões, 14,5%. Os menores foram no Sul e Sudeste, que registraram 3,5% cada. No Centro-Oeste e Norte, os índices ficaram em 5,2% e 8,0%, respectivamente.

No contexto brasileiro, umas das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) é diminuir a taxa de analfabetismo e a Lei 13.005/2014 define quais medidas devem ser tomadas até 2024 para melhorar a educação no país, da Educação Infantil ao Ensino Superior. De acordo com a lei, em 2015 a taxa de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais no Brasil deve ser de 6,5%. Até 2024, espera-se que esse índice chegue à zero.

A alfabetização pós-pandemia. Após quase dois anos de fechamento de escolas e a suspensão de mais de cinco milhões de alunos em 2020, as aulas presenciais nas redes públicas retornaram, segundo pesquisa da UNICEF. A educação pode ser devastador devido os efeitos da pandemia. Segundo UNICEF e Cenpec Educação, podemos retroceder em no máximo dois anos. As crianças dos 6 aos 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar. Em 2019, antes que o mundo parasse por causa do coronavírus, cerca de 1,4 milhão de crianças de 6 a 7 anos no Brasil não sabiam ler nem escrever. Em 2021, esse número sobe para 2,4 milhões. Um aumento de 66,3% em apenas dois anos. Dados da ONG, Todos pela Educação. As crianças negras e pardas têm um impacto ainda maior, agravando ainda mais as desigualdades raciais existentes no Brasil. No total, 47,4% das crianças negras não sabiam ler nem escrever; 44,5% eram mestiços. Já entre as brancas, 35,1%.

Além disso, entre 2012 e 2021, a proporção de crianças pobres que não sabem ler nem escrever subiu de 33,6% para 51%. Entre as crianças mais ricas, o aumento foi mais sutil, de 11,4% para 16,6%. Esses dados são encontrados no futura.org.br/alfabetização-quais-são-os-desafios-pós-pandemia.

Antes da pandemia, essa era a etapa da educação em que o Brasil havia feito os maiores avanços, tanto em termos de educação.

De acordo com a BNCC, os alunos devem ser alfabetizados até a segunda série do ensino fundamental. Além de aumentar o risco de reprovação e abandono escolar, o analfabetismo entre as crianças em idade escolar pode prejudicar muito o aprendizado.

Tendo em vista as considerações e os dados apresentados acima, esta monografia pretende estudar os procedimentos pedagógicos e metodológicos de alfabetização/ letramento, com o objetivo de discutir e ampliar perspectivas sobre os processos acima e entender as práticas que possibilitam a formação de sujeitos alfabetizados e letrados.

Segundo Silva (2008, p.41), “as repetidas dificuldades das escolas em alfabetizar e letrar os alunos podem ser consideradas uma das graves conseqüências sociais e políticas do atual quadro de trabalho escolar”. Portanto, no contexto educacional atual, o desafio do processo de alfabetização é enorme, pois muitos alunos concluem o processo educacional sem

¹encontrar as condições necessárias para se tornarem proficientes em leitura, ou seja, com um domínio completo da leitura escrita.

Assim, devido a esse contexto educacional, surgem várias questões. Quais práticas de alfabetização e letramento propiciam, do ponto de vista do professor o aprendizado dos alunos (as) em seu contexto de atuação? Quais as dificuldades que essas crianças do 5º ano ainda têm em relação à alfabetização? Quais estratégias o professor utiliza para ajudar as crianças a se alfabetizarem? E obter um resultado que você considere satisfatório? Como o professor organiza o seu trabalho atendendo tanto essas crianças como as outras que já estão alfabetizadas no ensino de conteúdos escolares? Como estão as crianças na alfabetização no 5º ano pós-isolamento social? O que mudou? As dificuldades são as mesmas? Ou piorou? Como a escola está lidando com essas dificuldades?

Por isso, a importância da formação continuada de professores, na qual serão realizadas pesquisas sobre letramento e alfabetização, que se tornará mais clara de quais metodologias usar para aumentar a satisfação com o processo de alfabetizar / letrando, garantindo que os alunos (as), desde cedo, não só a apropriem do sistema ortográfico alfabético, mas também a condição do uso da linguagem na prática social da leitura e da escrita.

Com isso, é preciso mostrar, que por meio das inúmeras funções que a alfabetização e letramento forma, em relação à leitura e a escrita nos seus diversos usos, interferindo diretamente nas relações interpessoais, sejam elas sociais, políticas ou econômicas, colocados na sociedade. Por causa dessas questões, o sistema escolar precisa trabalhar a alfabetização e letramento juntos, concebendo a libertação pessoal pelo viés da educação.

Por isso, procuro compreender a importância da prática docente, pois segundo Freire e Shor (1986, p.125), “consiste em termos de diálogo em que a construção do conhecimento é visto como um processo realizado por dois atores, professor e aluno, na direção de uma leitura crítica da realidade.” E verificar como ocorre a relação ensino- aprendizagem no processo de alfabetização e letramento e quais caminhos os educadores precisam trilhar para resultados satisfatórios nesse processo, tentando distinguir e utilizar as metodologias para proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa.

¹ É importante ressaltar que esse texto foi escrito no período de retorno às aulas presenciais que se deu devido a pandemia do covid19 no ano de 2019.

Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa leve a uma melhor compreensão no processo de alfabetização e letramento na classe do 5º ano do ensino fundamental, basicamente para entender a importância dessa etapa na jornada escolar dos alunos.

Devido à necessidade de ampliar as pesquisas sobre alfabetização e letramento, o presente trabalho tem como questão de pesquisa: como acontecem os processos de Alfabetização e letramento em classes de 5º ano do Ensino Fundamental, no município do Rio de Janeiro. Delineou-se como objetivo geral deste projeto analisar as dificuldades das crianças que chegam ao 5º ano sem serem alfabetizadas e identificar como o professor trabalha com essas crianças, que têm dificuldade na alfabetização.

Com o intuito de compreender e obter resultados satisfatórios da problemática em questão esta monografia será construída em três objetivos específicos. O primeiro objetivo, compreender as dificuldades que as crianças de 5º ano que não estão plenamente alfabetizadas apresentam em relação à alfabetização, o segundo consiste em identificar as estratégias que o professor utiliza para ajudar essas crianças que não estão plenamente alfabetizadas no 5º ano, o terceiro conhecer as práticas que o professor trabalha com essas crianças ao mesmo tempo em que ensinam as outras que já estão alfabetizadas.

Para realização desta pesquisa, foram utilizados primeiramente autores que discutem os conceitos centrais do trabalho, como por exemplo, Soares (1998, 2003, 2018); Tfouni (2010); Kleiman (2005); Silva (2008); Freire e Shor (1986) e Mortatti(2000, 2004), ao longo do estudo foram acrescentados, autores adicionais para ampliar a discussão teórica sobre o estudo tópico da pesquisa.

Quanto à metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi pautada por um estudo qualitativo, o qual tem como objetivo interpretar o fenômeno que observa, neste caso, as práticas de ensino e aprendizagem. A pesquisa também tem um caráter exploratório, pois estimula o entrevistado a pensar e se expressar livremente sobre o assunto discutido.

Assim, o sujeito da pesquisa foi 1 professor da classe do 5º ano numa escola da rede pública do Rio de Janeiro. Por ser neste período em que o aluno pode ser retido, percebe-se com mais intensidade os impactos desses processos de Alfabetização e Letramento. Portanto, o estudo tenta compreendê-los por meio de entrevista, como ocorre esse processo em um ambiente educacional.

Neste contexto, esta pesquisa tem a intenção de dialogar sobre os estudos da alfabetização e letramento, pois acredita-se que a codificação e decodificação da língua escrita em seu sistema alfabético é insuficiente para atender de forma plena a cultura escrita e

responder as demandas sociais. Assim, através do professor como mediador, a alfabetização deve ocorrer em um contexto letrado, que possam existir diferentes práticas sociais de leitura e escrita em diferentes gêneros textuais, mostrando que é importante para a educação atual trabalhar de forma conjunta as duas dimensões Alfabetização e Letramento.

Dessa maneira, esta monografia está organizada em dois capítulos: Referencial teórico, metodologia e análise dos dados, além das considerações finais. No capítulo 1 intitulado como Alfabetização e Letramento: Discutindo conceitos, é apresentada uma conceituação teórica desses processos e suas contribuições contemporâneas.

O 2º capítulo consiste em apresentar os caminhos metodológicos da pesquisa, utilizados para a realização deste trabalho monográfico, este apresenta os processos pelos quais a pesquisa de campo foi construída. Apresentam-se também a análise de dados, referente à pesquisa de campo realizada em uma classe de 5º ano do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro, bem como os resultados encontrados.

1–ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DISCUTINDO CONCEITOS

Neste capítulo serão apresentadas algumas discussões sobre os conceitos de Alfabetização e Letramento, até o modo como se conceitua esses processos na contemporaneidade.

1.1 –Alfabetização

No Brasil sabe-se que a educação ganhou atenção do governo na Proclamação da República sobre tudo no final do século XIX. Segundo Mortatti (2000) isso aconteceu com o intuito de modernizar a população por meio do ensino fundamental, assim surgiu à necessidade de abrir escolas, para ir além do ensino de caligrafia. Assim, surgiu a escolarização como ferramenta de comunicação e linguagem que traz o ensino de leitura e da escrita.

Segundo Mortatti (2000):

Ler e escrever, antes disso, são práticas culturais, cuja aprendizagem é limitada a um pequeno número de pessoas e ocorre por meio de sua disseminação não sistemática dos primórdios da esfera privada da família, ou de forma menos formal, mais ainda precário, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados (MORTATTI, 2000, p.02).

No entanto, a alfabetização por sua vez, é constantemente questionada e modificada, com isso surgiu vários conceitos ao longo de sua história, portanto Silva (2004 p. 36), por meio do Censo Demográfico, trouxe informações pertinentes sobre um determinado período de alfabetização no país.

Segundo Silva (2004), na década de 1950, um cidadão era considerado alfabetizado por saber ler e escrever o seu nome, mas desde então, as pessoas alfabetizadas passaram a ser aquelas com capacidade de ler e escrever um simples bilhete. “Não apenas promover a o conhecimento sobre a leitura e a escrita, as pessoas que escrevem, sabe usar a linguagem escrita são consideradas alfabetizadas”. (SILVA, 2004, p.36).

Como vimos, há uma constante mudança histórica no conceito de alfabetização. A partir da década de 1980, houve uma mudança de paradigma na Alfabetização, as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, trouxeram uma nova perspectiva educacional, por meio de suas pesquisas, estas têm fortes implicações psicológicas. Assim,

com a publicação de *A Psicogênese da Linguagem Escrita* (1984), Ferreiro e Teberosky, fornece aos educadores novos conceitos sobre como os alunos aprendem a ler e escrever e, assim o Ministério da Educação- MEC e Secretaria de Educação Básica- SEB (Brasil, 2008),

De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação (BRASIL, 2008, p.10).

A pesquisa de Ferreiro e Teberosky é um marco na pesquisa sobre alfabetização, pois focaliza os alunos como construtores de pressupostos da linguagem escrita e, portanto, de sua própria aprendizagem. No entanto, na década de 1990, surgiram novos termos para conceituar alfabetização, como exemplo disso, o termo funcional surgiu para descrever uma nova forma de se referir ao processo de leitura e escrita, "com o propósito de combinar leitura e escrita em situações sociais" (BRASIL, 2008, p. 10), ou seja, mesmo que saibam ler e escrever, não utiliza esse conhecimento para lidar com situações cotidianas e são considerados analfabetos funcionais.

Desse modo, Silva (2004, p.36) mostra que o conceito de letramento tem anos de transformação, a alfabetização funcional baseia-se na realização educacional ou ao final de uma série, também pode ser entendido como o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes que permitem colocar em prática os conhecimentos sobre o código lingüístico.

Ou seja, ao se agregar palavra alfabetização o termo funcional, considera-se a existência de determinadas habilidades que estão para além da simples idéia de ler e escrever, surgindo um novo conceito que abrange habilidades de leitura e escrita desenvolvidas durante determinados anos de escolarização (SILVA, 2004, p.36).

A Alfabetização ao longo de sua existência sofreu modificações de acordo com os interesses políticos de cada época. Sendo assim, esses conceitos foram surgindo diante das demandas sociais e educacionais. Com isso entende-se por Alfabetização, segundo Soares, (2003)

Toma-se, por isso, aqui, alfabetização em seu sentido próprio, específico: de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita [...] Sem dúvida alfabetização é um processo representação de fonemas em grafema, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito (SOARES, 2003, p.15 e 16).

Com isso, sempre houve uma necessidade de conceituar os processos de Alfabetização. Percebe-se que a Alfabetização é definida por conceitos diversos, mas sempre com a mesma finalidade de levar o educando a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Com isso, outra definição trazida por Kleiman (2005), não se diferencia completamente da anterior:

O conceito de alfabetização refere-se também ao processo de aquisição das primeiras letras, e com tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégias, modo de fazer. Quando dizemos que a criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico, mental e emocional da criança num conjunto de atividades, de total tipo, que tem por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita (KLEIMAN, 2005, p. 13 e 14).

Kleiman (2005) acrescenta que a prática de Alfabetização se concretiza em eventos que situam a sala de aula, liderados por um especialista (o professor) que encarrega ensinar sistematicamente as regras de funcionamento e o uso do código alfabético aos iniciantes do assunto, os educandos (as). Sendo assim, podemos perceber que nessa definição a autora afirma que o processo de Alfabetização acontece mais precisamente na escola e no processo de escolarização.

Assim nos diz Tfouni (2018, p.17) “alfabetizar sem considerar o letramento reduz o processo de leitura e escrita a um mero ato automático de codificação/decodificação de sinais gráficos e esse “aprendizado” não produz resultados nem faz diferença no cotidiano dos sujeitos, visto que não os torna letrados.”

Conforme afirma Colello (2001),

Em contrapartida, quando, ao lado da dimensão instrumental, atribuímos à escrita a condição de legítimo conhecimento, a alfabetização deixa de ser uma etapa inicial e preparatória da escolaridade e assume definitivamente uma razão mais próxima da vida e, portanto verdadeiramente educativa: uma conquista indispensável ao estudante, fundamental ao cidadão e essencial ao ser humano. (COLELLO, 2001, p.1 e 2).

No entanto, podemos afirmar que a Alfabetização, advém de diversas conceituações, mas todas elas têm por intuito mostrar a importância de alfabetizar o indivíduo, de inseri-lo em um contexto de leitura e escrita e a ampliação desses saberes para os usos sociais desse aprendizado, faz surgir um novo conceito, chamado de Letramento, que será abordado a seguir.

1.2- Letramento

Na década de 1980 surgiu no Brasil o termo Letramento, uma versão da palavra da língua inglesa literacy, um termo até então pouco conhecido e estudado por teóricos e pesquisadores brasileiros. Na época, as primeiras divulgações da expressão Letramento foram nos livros. “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, da autora Mary Kato (1986) e “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, tendo como a autora Leda Verdiani Tfouni (1988). A partir de então tornou-se mais conhecido o Letramento e passou a ser estudado por alguns teóricos que discutem os processos de aprendizagem da leitura e da escrita. “Entende-se que o letramento é um processo pensado e mais amplo que a alfabetização e que abrange e determina, está relacionado com a existência e a influência de um sistema de escrita, socialmente vigente em uma sociedade letrada” (TFOUNI, 2018,p.17).Tfouni (2018) acrescenta que há pessoas que são letradas, mas não são alfabetizadas/escolarizadas, dominam código escrito de maneira rude. No entanto, pode-se falar que a alfabetização deve estar inserida no letramento, mas que este ultrapassa tanto a aprendizagem individual da leitura e escrita, quanto a escolarização e o ensino formal.

Com o reconhecimento do Letramento no Brasil em meados dos anos de 1980, houve uma adesão por parte de educadores e até mesmo no próprio ambiente acadêmico em utilizar esse termo, e adaptá-lo às suas práticas pedagógicas. Diante disso Soares (2016) conceitua como Letramento,

É o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implica nesse conceito está a ideia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2016, p.17).

O Letramento surgiu então no contexto da Alfabetização, para o complemento desta prática no seu processo educacional, propondo reflexões sobre as práticas e usos da leitura e da escrita. Porém, ele começa antes do processo de Alfabetização, pois a criança já nasce em uma sociedade letrada e desde cedo, mesmo sem saber ler e escrever vão conhecendo e se familiarizando com as práticas de leitura e escrita no seu meio social e cultural, habituando-se à leitura do mundo. Mortatti (2004) nos mostra que,

De fato, ainda é preciso aprender a ler e escrever, mas a alfabetização entendida como aquisição de habilidades de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizado não bastam... mais. É preciso, hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais, e esse algo a mais é o que vem designado de letramento (MORTATTI, 2004, p. 34).

Portanto, o letramento é uma definição criada para mencionar o uso da língua escrita, isso não acontece só em escola e sim em todo lugar, pois a escrita está presente no dia a dia,

pode estar estampada em outdoors, anúncios, placas, entre outros, sempre informando alguma coisa, a escrita faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. O letramento é uma prática que vai além dos muros da escola ou do ambiente escolar. Podemos ver que se trata de uma aprendizagem que pode ocorrer em ambiente escolar, no entanto, está relacionado a algumas práticas sociais necessárias para integrar-se plenamente na sociedade. Como resultado, todos e qualquer indivíduo já é introduzido ao letramento desde o nascimento à medida que as habilidades são transmitidas através do seu meio social e cultural, por isso a importância do meio ambiente. A escola entende que o aluno trouxe a leitura para o seu processo de escolarização do mundo (letramento). Daí a importância de valorizá-lo e utilizá-lo no processo Ensinar/Aprender. Conforme afirma Soares (2016):

Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever, alfabetizar-se, deixar de ser alfabetizado, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, tem conseqüências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sócias, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O estado ou a condição que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por literacy (SOARES, 2016, p. 18).

No entanto, há ainda codificação e decodificação da linguagem escrita no sistema educacional, a escola tem sido incapaz de atender às necessidades da sociedade. Necessidades pessoais de desenvolver uma compreensão mais profunda do uso da escrita e da leitura na sociedade, como cita Paulo Freire, isso na verdade tem que incorporar a alfabetização crítica na educação. (1987, p. 36) "Não basta saber ler, Eva vê as uvas. É preciso saber onde está Eva em seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho." Essa reflexão de Freire nos aproximou da alfabetização que agora conceituamos como letramento.

Por tanto, os sistemas educacionais devem reconhecer que, por meio da educação (alfabetização e letramento), os indivíduos serão capazes de refletir e intervir no contexto de suas ações.

O processo de alfabetização vai muito além da sala de aula, é mais do que apenas saber ler escrever, é necessário fazer o uso da leitura e da escrita (letramento), despertando nos alunos uma consciência crítica e autônoma para que possam interferir nas questões sociais, políticas e culturais da sociedade.

Nos anos 2000, a discussão sobre alfabetização e letramento se ampliou, e esses processos tornaram-se cada vez mais inseparáveis, sendo incorporada uma nova palavra,

chamado de alfabetizar/letrando, para demonstrar a importância desses dois processos no aprendizado da leitura e da escrita. Essas discussões mais contemporâneas sobre o tema em questão serão levantadas no próximo tópico deste trabalho.

1.3- Discussões contemporâneas sobre Alfabetização e Letramento

Soares (2003) traz uma discussão pertinente sobre Alfabetização e Letramento, buscando assim, diferenciá-los em três etapas fundamentais, pois, segundo a autora os conceitos perpassam por uma cronologia histórica, desde a invenção do letramento, logo após, a desinvenção da alfabetização, e, em seguida, a problemática atual, a reinvenção da alfabetização. Neste tópico do trabalho será acrescida também as discussões sobre o alfabetizar-letrando, na qual, se entende que o processo de Alfabetização e Letramento são indissociáveis e necessários para a formação de leitores e escritores plenos.

No Brasil, o Letramento surgiu a partir de questionamentos sobre a eficácia do processo de Alfabetização. Assim, o Letramento surgiu enraizado na Alfabetização, diferentemente dos países de primeiro mundo, em que essas habilidades de ler e escrever já não são um problema social e o Letramento vem apenas para discutir sobre essas práticas na vida cotidiana. No Brasil, muitas vezes, os dois fenômenos se interseccionam, pois há uma necessidade de ser trabalhados em conjunto, mas, cada um deles possui suas especificidades. Assim, Soares (2003) nos diz que

Em síntese, e para encerrar esse tópico, conclui-se que a invenção do letramento, entre nós se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção em outros países... no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada ao conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito do letramento, o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização (SOARES, 2003, p.8).

A desinvenção da alfabetização segundo Soares (2003), veio trazer a perda das especificidades desse fenômeno. A autora ainda mostra que os problemas com a aprendizagem no que se refere à leitura e escrita se enquadraram como de uma educação tradicional e os métodos de Alfabetização considerados mais tradicionais passaram a ser vistos de modo negativo. Ou seja, as discussões sobre os usos sociais da leitura e da escrita vieram, de certa forma, diminuir a importância de aspectos mais técnicos do processo de Alfabetização como a silabação, a consciência fonológica, entre outros. Sendo assim, a autora complementa, “talvez se possa dizer que, para a prática de Alfabetização, tinha-se,

anteriormente um método e nenhuma teoria, com a mudança de concepção sobre o processo de aprendizagem da língua escrita passou a ter uma teoria e nenhum método” (SOARES, 2003, p.11). A autora ainda complementa que

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência perde sua especificidade (SOARES, 2003, p.11)

Devido aos problemas causados pela desinvenção da alfabetização, (o não aprendizado da leitura e escrita por não se considerar os aspectos técnicos da Alfabetização, por exemplo), Soares (2003) nos mostra a necessidade de reinventar a Alfabetização sem desconsiderar os usos sociais da leitura e da escrita. O referido autor ressalva que há uma necessidade de rever os processos de ensino e estabelecer uma distinção desses processos, com isso, existem as muitas facetas de Letramento “imersão das crianças na cultura da escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos de gêneros de material escrito.” Não obstante a autora traz também, as muitas facetas da Alfabetização, “consciência fonológica e fonética, identificação das relações fonemas-grafemas, habilidades da codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica a escrita”. Sendo assim, é notória a diferenciação e, ao mesmo tempo, indissociáveis o trabalho com esses dois processos (SOARES 2003, p.15). Sendo assim, é perceptível a necessidade de interligar os processos e os trabalhos com a Alfabetização e o Letramento. Dessa forma, Soares (2003) nos diz que

É preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, interagindo alfabetização e letramento, sem perder, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para o ensino de um e de outro (SOARES, 2003, p.15).

Sabe-se que o processo de Alfabetização está intercalado com o Letramento, ambos devem ser trabalhados em conjunto para se obter uma educação que garanta o aprendizado dos estudantes. É importante lembrar que por atrás do processo alfabetizador, existe um ser, uma criança, que tem o poder e a capacidade de pensar, agir, modificar e transformar uma sociedade através da educação. Nessa perspectiva, acreditamos que todos são capazes de aprender e de possuir uma formação de base consistente; o professor tem o papel de mediar da melhor maneira possível esses processos educacionais. Através de teorias como as de Ferreiro

e Teberosky (1999), podemos citar três ideais simples, mas fundamentais no processo de Alfabetização:

a) deixar entrar e sair para buscar informação extra-escolar disponível, com todas as conseqüências disso; b) o professor não é o único que sabe ler e escrever na sala de aula, todos podem ler e escrever, cada um no seu nível; c) as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir com o proveito na própria alfabetização e na dos seus companheiros, quando a discussão a respeito da representação da escrita da linguagem se tornar prática escolar (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 40 e 41).

As diversas funções que a leitura e a escrita possuem, está ligada diretamente às demandas sociais, pois é notório que o uso dessas habilidades interferirá diretamente nas relações de qualquer indivíduo, sendo assim, a escola continua com papel de fundamental importância para as questões de Alfabetização e Letramento. Sobre essa questão, Maciel e Lúcio (2008, p.15, 16), apontam “Trabalhar considerando múltiplos usos e funções da escrita na sociedade potencializam as possibilidades de refletir criticamente sobre as relações que se estabelecem entre as pessoas em nossa sociedade”. A seguir, as autoras complementam a importância de trabalhar em sala de aula os diversos gêneros textuais, pois irá abrir ao educando possibilidades de indagações em ampla escala, e assim, contribuirá satisfatoriamente nas relações que norteiam a sociedade. A educação é um ato político, e o docente precisa ter consciência crítica desse aspecto, a escolha da metodologia utilizada pelo professor para o processo de se alfabetizar/letrando, deve, portanto, possuir intencionalidade em suas ações. Segundo Maciel e Lúcio (2008),

O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas. Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e o domínio do que vai ensinar (MACIEL E LÚCIO, 2008, p.16).

A proposta de alfabetizar na perspectiva do letramento parece simples e universais nos dias atuais. No entanto, proporcionar aos alunos o acesso ao sistema escrito, e ao mesmo tempo, fazer com que eles usem exercícios de leitura e escrita socialmente é geralmente uma tarefa assustadora para qualquer professor de alfabetização que enfrenta vários desafios de diferenciação conceitual entre alfabetização e letramento, inserida na prática. Portanto, é importante que as práticas de letramento sejam significativas para os alunos sem seu processo de aprendizagem, e os métodos que eles escolhem são cruciais para o bom andamento da alfabetização. Assim, conforme mostra Santos e Albuquerque (2007)

Propiciar aos aprendizes a vivência de práticas reais de leitura e produção textual não é meramente trazer para a sala de aula exemplares de textos que circulam na sociedade. Ao ler e escrever um texto tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. É isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa (SANTOS E ALBUQUERQUE, 2007, p.97).

É interessante que os docentes busquem em suas classes propostas de alfabetizar/letrando que atenda as demandas de aprendizado de forma coletiva e individualmente, e ensinem os alunos a usarem o sistema de ortografia e façam o uso correto da leitura e da escrita, proporcionando um aprendizado significativo e de qualidade. Portanto, proporcionar aos alunos uma educação estruturada de conhecimento autônomo, crítico e reflexivo que eles (a) possam entender seus papéis como sujeitos de direitos sociais. Com isso, uma educação significativa visará emancipação e libertação do sujeito, tornando-o consciente de pensar, criticar, lutar por uma sociedade onde todos são iguais, tornando essas pessoas cidadãos do mundo, e no mundo.

No entanto, segundo os autores Santos e Albuquerque, alfabetizar na perspectiva no Letramento é, portanto, “proporcionar oportunidades de aprendizagem de língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações de uso deles, mas que seja levado a construir uma compreensão do sistema de escrita alfabética” (SANTOS e Albuquerque, 2007, p. 98). Após discussão, percebe-se que na contemporaneidade os estudos sobre alfabetização e letramento se cruzam, ou seja, os processos são interligado e intercalado em discussões e práticas, sobre o aprendizado da linguagem escrita. Portanto, no próximo tópico deste trabalho, será apresentada uma discussão de métodos.

1.4- Os métodos de Alfabetização na perspectiva do alfabetizar letrando

Desde o início da Alfabetização, sempre houve a utilização de métodos com o propósito de alfabetizar eficazmente, mas, por diversas vezes, matérias e artefatos didáticos foram também conhecido como método de alfabetização. Por isso, é muito importante esclarecer o papel dessas abordagens no processo de alfabetização, sendo assim, Soares (2018), nos diz que “os métodos de alfabetizar são entendidos aqui como um conjunto de procedimentos baseados em teoria e princípios que orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é o que comumente se denomina Alfabetização” (SOARES, 2018, p.16). Sendo assim podemos observar a importância do método na escolha metodológica do alfabetizador, pois os métodos orientam a prática docente e podem ser utilizadas em diferentes conteúdos e/ou atividades, ministradas aos alunos em sala de aula.

A Alfabetização ao longo de sua história se caracterizou por diversos métodos educacionais, entre os mais comuns e usados estão: “os sintéticos, que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra e os analíticos, também chamados globais, que tem como pontos de partida unidades maiores da língua, como o conto a oração

ou a frase” (CARVALHO, 2015, p.18). Entretanto, podemos mencionar também, segundo Mortatti (2006, a existência dos métodos mistos ou ecléticos, que por sua vez, consistem na utilização e conciliação dos métodos básicos da Alfabetização (analítico-sintético ou sintético analítico).

No Brasil, a alfabetização começa com a compreensão do alfabeto e suas relações de construir palavras, frases e textos com seus sons individuais, mas alguns teóricos, como Carvalho (2015), percebem que pode haver outros métodos para alfabetizados, para os quais também desenvolveu os métodos analíticos ou globais. Por sua vez, essa prática se define a partir da realidade dos alunos, através de diferentes tipos de texto (texto, história, música), para maior reconhecimento de palavras, os alunos irão se familiarizando com a aquisição de leitura e escrita. Sendo assim, segundo Soares (2018, p.19), independentemente da escolha do método sintético ou analítico (global), o objetivo de ambos é a aprendizagem do sistema alfabético ortográfico da escrita, “assim, nas duas orientações, o domínio do sistema de escrita é considerado condição de pré-requisito para que a criança desenvolva habilidades de uso da leitura e da escrita”.

Com isso, podemos perceber que o alfabetizador tem diversas escolhas de métodos para a Alfabetização do educando. Não podemos afirmar ou mensurar que um método é mais satisfatório que outro cada um possui sua conceituação, estruturação para ser aplicado metodologicamente pelo alfabetizador, dependendo assim, de vários aspectos, como a especificidade da turma, disciplina, conteúdo e atividade utilizada, entre outros. Sendo assim, a escolha do método, ou de métodos variados ajudará de forma satisfatória no processo de alfabetizar/letrando. Porém, devido ao insucesso recorrente no processo de Alfabetização, mesmo com a utilização de métodos variados, a decadência no processo escolar persistiu, sendo assim, os métodos alfabetizadores foram indevidamente taxados como os responsáveis para o insucesso na educação no Brasil.

Assim, surge nos anos de 1980, o construtivismo trazendo a proposta de modificar a situação na qual a educação se encontrava, com isso, Soares (2018) mostra que o construtivismo não advém de um novo método, “mas de uma nova fundamentação teórica e conceitual do processo de Alfabetização e de seu objeto, a língua escrita”. Segundo Soares (2018),

Assim, no construtivismo, o foco é transferido de uma ação docente determinada, por um método preconcebido para uma prática pedagógica de estímulo, acompanhamento e orientação da aprendizagem, respeitadas as peculiaridades do processo de cada criança, o que torna inadmissível um método único e predefinido (SOARES, 2018, p.22).

Conforme as discussões até aqui mencionadas, alfabetizar, segundo Soares (2018, p.331) é “orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas linguísticas que a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética”. Sendo assim, como podemos perceber alfabetizar, deve ser uma escolha de qualquer docente, pois fazendo boas escolhas e trabalhando-os de maneira satisfatória, auxiliam de forma positiva no processo de ensino/aprendizagem. Assim, como foi mencionada anteriormente, especialmente nas últimas décadas a Alfabetização vem sendo questionada, devido às dificuldades encontradas durante esse processo e conseqüentemente a sua eficácia. Pois, para se obter sucesso, o docente antes de tudo necessita conhecer a sua turma individualmente e coletivamente, perceber que cada educando possui necessidades e especificidades distintas, para a partir disso estruturar uma metodologia de ensino/aprendizagem que atenda e contemple toda a turma no seu processo de Alfabetização/Letramento.

Conforme, afirma Mortatti (2004, p.18) “Nas últimas décadas, os censos continuam medindo o analfabetismo, mas, em razão das mudanças nas condições culturais, sociais e políticas do país e, em decorrência, nas definições de Alfabetização, forma mudando também os critérios que permitem considerar uma pessoa analfabeta ou alfabetizada. Com isso, não foram só os métodos de Alfabetização que sofreram modificações, mas também os processos para identificar os níveis de Alfabetização de uma sociedade.

Desse modo, podemos perceber que de fato o analfabetismo sofreu uma grande queda no Brasil em termos quantitativos, pois a escolarização aumentou proporcionalmente conforme sua população, e o acesso à educação também se abrangeu em todo território nacional, mas, por outro lado em relação à qualidade dessa educação e à permanência dos indivíduos ainda não foi tão eficaz. Conforme nos diz Mortatti (2004)

E, apesar dos avanços obtidos, segundo estudo da Unesco, comparado com outros países em desenvolvimento da América Latina, o Brasil tem uma das maiores taxas de analfabetismo da população com mais de 15 anos. [...]. Em vista dessa situação, documento da Unesco alerta para o fato de que o analfabetismo está comprometendo o futuro do Brasil, contribuindo para aumentar o número de excluídos (MORTATTI (2004, p.25).

Nota-se, que o processo de Alfabetização vai muito além da aquisição da leitura e da escrita, é um processo contínuo e interrupto, em que estão inclusas questões sociais, econômicas e culturais, pois há a necessidade de implantação de políticas públicas eficazes, que permitam a população não só ter o acesso escolar, mas permanecer nele promova uma Alfabetização com caráter emancipatório, possibilitando ao indivíduo fazer uso dessa leitura e escrita na sociedade. Não obstante, o professor tem um papel primordial na vida de qualquer

educando no seu processo de Alfabetização, ele possui a função de mediador, para encontrar o melhor método a ser aplicada a fim de atender toda sua classe, proporcionando a cada educando uma Alfabetização de qualidade, partindo da leitura de mundo para a leitura da palavra, obtendo assim, uma aprendizagem significativa.

Diante disso, este trabalho se interessa em investigar também sobre os caminhos de Alfabetização trilhados por um alfabetizador na contemporaneidade. Assim, no próximo tópico, será apresentado o caminho percorrido para construir esta pesquisa.

2-CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISES DOS RESULTADOS

O trabalho acadêmico possui diversas maneiras e propostas para a sua construção, com diferentes tipos de conhecimento, trazendo consigo objetivos, problematizações e relevâncias distintas para a sociedade. Devido a isso, este trabalho de caráter monográfico, consiste na realização de uma pesquisa, buscando assim, associar teoria e prática, para possibilitar uma compreensão e reflexão sobre o tema proposto, para o meio acadêmico e educacional. Esta pesquisa foi realizada no município do Rio de Janeiro, em uma escola municipal, que por sua vez, é ofertado aos educandos (as) o Ensino Fundamental. A pesquisa aconteceu mais precisamente em uma turma do 5º ano. Sendo assim, o trabalho foi construído, a partir de uma pesquisa de campo, composta por um estudo qualitativo, na qual, tem como objetivo, interpretar o fenômeno que observa fenômeno este em que consiste nas práticas de Alfabetização e Letramento presentes nesse contexto.

Devido a isso, este estudo está relacionado diretamente, a um levantamento de dados, na escola municipal do Rio de Janeiro, através de entrevista. O trabalho possui também um caráter exploratório, uma vez que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Segundo Gonçalves (2001)

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONÇALVES, 2001, p.67).

A pesquisa de campo enriquece de forma significativa o trabalho do pesquisador das ciências sociais, pois ela permite uma aproximação direta entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. Acontece, assim, um contato e uma maior compreensão acerca do tema estudado. Dessa forma, o trabalho de campo consiste em uma experiência vivenciada, tendo por base, as teorias estudadas anteriormente, para que de fato, o pesquisador possa responder suas indagações sobre seu objeto de pesquisa. Conforme apresenta Minayo (2012)

Trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os atores que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO, 2012, p.61).

De acordo com Diehl (2004)

[...] A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos (DIEHL, 2004).

Segundo Minayo (2012), o trabalho de campo tem diversas maneiras de ser realizado, mas existem duas formas principais e mais utilizadas para esse tipo de trabalho, na qual são conhecidas por observação e entrevista.

Neste trabalho usamos a entrevista porque ela proporciona uma comunicação entre os sujeitos e é a estratégia mais utilizada em pesquisa de campo. A entrevista pode ser classificada em diferentes tipos, mas para esta pesquisa será utilizada a entrevista semiestruturada que consiste em “combinar perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada” Minayo (2012).

Segundo Minayo (2012)

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objeto (MINAYO, 2012, p.64)

2.1 A realização do trabalho

A presente pesquisa foi realizada em uma escola situada na Maré, no município do Rio de Janeiro, a escolha dessa escola foi por conta do estágio de mediadora que estou fazendo nesse período.

Antes de iniciar a pesquisa de campo, fui recebida pela diretora da escola, e tivemos uma breve conversa e, a partir disso, fui encaminhada para a sala, em que realizaria a entrevista. A diretora de maneira muito atenciosa me apresentou ao professor e, posteriormente, à turma, explicando de forma clara, o meu trabalho enquanto estudante do curso de pedagogia, e a relevância que este trabalho irá proporcionar na minha carreira profissional. Assim, fui recebida com grande carinho por todos que ali se encontravam. Após toda apresentação, conversei com o professor da classe explicando a proposta da pesquisa.

Diante disso, cabe ressaltar a importância da pesquisa de campo para o trabalho acadêmico, pois não há melhor maneira de conhecer a realidade da docência e dos educandos (as), do que adentrar a sala de aula, buscando conhecer e vivenciar na prática, essa relação pedagógica na perspectiva da Alfabetização e do Letramento, na qual este trabalho promove.

2.2- O participante da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foi escolhido um professor do 5º ano, com o intuito de compreender como acontece a problematização do processo de Alfabetização e Letramento na classe do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola situada na Maré.

A entrevista foi gravada e presencial com um professor de 39 anos graduado em pedagogia, docente desde que entrou na prefeitura em 2017, trabalhou em escola particular mais não foi regente de turma. Está trabalhando com turma de 5º ano há dois anos. Sendo assim, foi escolhida essa determinada turma por compreender que o processo de alfabetização no 5º ano do ensino fundamental, poderá ocorrer uma intervenção do docente no sentido de poder decidir se os educandos (as) irão permanecer no mesmo ano ou passar para o ano seguinte (6º ano). Conforme, o professor poderá fazer análise por meio do aprendizado, desempenho, participação, avaliação, avanços significativos e por fim, o conhecimento adquiridos pelos alunos ao decorrer do ano letivo. “É uma turma heterogênea com 25 alunos em sala, seis alunos realmente analfabetos e quatro alunos fracos”. (Professor A)

Contudo, para realização deste trabalho, foi entrevistado um professor regente da classe, para compreender como estes educandos (as) se apropriam da alfabetização e do letramento a partir das metodologias usadas pelo professor.

Desse modo a entrevista semiestruturada foi uma ferramenta utilizada nesse trabalho acadêmico por compreender que, através dela, o entrevistado poderá se expressar livremente sobre o assunto em questão, ela possui uma maior flexibilidade, pois no decorrer da entrevista podem surgir outros pontos cruciais para obter resultados sobre a temática pesquisada. Nesse sentido, foi elaborado um questionário com uma seqüência de perguntas, buscando compreender como acontecem os processos de Alfabetização e Letramento na classe do 5º ano do Ensino Fundamental, na escola situada na Maré.

Portanto, a entrevista foi realizada apenas com um professor regente do 5º ano do Ensino Fundamental, possui perguntas (APÊNDICE 1) que irão do tempo que o professor é alfabetizador ao reconhecimento dos processos de Alfabetização e Letramento. A partir de uma contextualização do campo de pesquisa, no próximo capítulo são apresentados os resultados deste trabalho.

3-ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM CLASSES DO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO ACONTECEM ESSES PROCESSOS.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos, através da entrevista realizada na classe do 5º ano do Ensino Fundamental. A ferramenta utilizada foi à entrevista semiestruturadas, delineou-se como objetivo geral deste projeto analisar as dificuldades das crianças que chegam ao 5º ano sem serem alfabetizadas e identificar como os professores trabalham com essas crianças, que têm dificuldade na alfabetização.

Desta maneira, neste capítulo será apresentada uma categoria de análise para a construção deste estudo: que consiste ampliar as pesquisas sobre alfabetização e letramento, o trabalho tem como questão de pesquisa: como acontecem os processos de Alfabetização e letramento em classes de 5º ano do Ensino Fundamental, no município do Rio de Janeiro.

3.1- Como as metodologias do alfabetizador contribuem para a apropriação da Alfabetização e do Letramento dos educandos (as) do 5º ano do ensino fundamental

Assim, ao iniciar a entrevista foi perguntado ao docente quanto tempo ele tem como alfabetizador, em seqüência o professor A, respondeu “de profissão tenho cinco anos”. Desse modo, dando continuidade a entrevista, foi perguntado ao professor, quais as dificuldades ele vê no trabalho com o 5º ano em relação à alfabetização e quais seriam essas dificuldades, o docente afirma que,

O problema é o desnível, é uma turma muito heterogênea, tenho aluno aquém que são muito fortes leitores, tem um padrão de vida totalmente diferente, eles têm acesso à cultura uns seis alunos bem acima em termos culturais têm aluno com níveis altíssimo em questões culturais e conhecimentos e tenho alunos totalmente analfabetos. Peguei no início do ano bem complicado entre eles, tem outros níveis médios para fraco e médio para alto, tenho quatro, cinco grupos diferentes na sala.
(Professor A)

No entanto, podemos perceber que o docente aqui nos explica que é uma turma constituída por alunos com diferentes bagagens culturais, aprendizagens, ritmos e nível de escrita completamente diferente uns dos outros, com boas habilidades em conteúdos e dificuldades em outros.

Então, quando foi indagado ao docente como avalia o que falta nessas crianças para alfabetizá-lo. E quais os fatores acha que contribuíram para que eles chegassem ao 5º ano sem serem alfabetizados, obtive a seguinte resposta

O acúmulo de coisa, agente pode até justificar, por exemplo, o 5º ano agora é o 3º ano de pandemia que conclua a alfabetização, mais na verdade a criança tem é que está alfabetizada até o 3º ano, ou seja, ela teve o 2º e o 3º ano para se alfabetizar, eu não vejo muito assim, eu acreditava que a pandemia ia trazer alunos atrasados em relação ao conhecimento e não alunos analfabetos, as crianças analfabetas hoje já é um problema de antes da pandemia, a pandemia só potencializou o problema já existia. (Professor A)

Com isso, percebe-se que ele responde sobre as mudanças e acontecimentos que ocorreram durante a pandemia, enfatizando que as crianças já deveriam estar alfabetizadas no 5º ano e, portanto, não foi o que aconteceu. Como enfatiza o professor A o problema já existia com pandemia ou não e a alfabetização é uma etapa do processo educacional e social de importância vital na formação de cidadãos. Diante disso, dando continuidade à entrevista, foi perguntado ao docente como estão às crianças na alfabetização no 5º ano pós-isolamento social, o que mudou, as dificuldades são as mesmas, ou piorou, ele respondeu da seguinte maneira:

Então antes da pandemia eu era professor do 4º ano, já tinha alguns alunos analfabetos mais eu senti que teve um aumento mesmo, de fato tinha alguns alunos, agente sempre teve e desde que eu entrei sempre via essa grande diferença entre os alunos alfabetizados, muitos alunos ortográficos no 3º, trabalhei com 3º anos dois anos, depois fui para o 4º ano e 5º ano.

O 3º ano é muito evidente boa parcela da turma ainda não está alfabetizada. Mais a grande dificuldade, a questão é que assim é um desafio porque o 5º ano tem conteúdo, já começa a carregar conteúdos, como é que vamos passar conteúdos para uma criança que não é alfabetizada, então eu utilizo muitos recursos, vídeos reproduzo no projetor, mais aí enfrenta outros problemas da escola pública, mais eu divido a turma fazendo reagrupamento junto a outra turma do 5º ano e não estava vendo evolução, peguei mais ou menos uns dez alunos muito fracos que no 1º diagnóstico tidos como analfabeto, depois com alguns meses de aula mais ou menos 2 meses eu percebi que não eram analfabetos, só estavam com falta de prática, então conseguir selecionar mais ou menos uns seis alunos realmente analfabetos e os quatro ali fracos. Desses seis hoje a gente consegue, tenho dois que evoluíram muito, muito em relação ao que eles eram e não em relação à turma, que está muito aquém ainda, mas a evolução deles é evidente, tenho dois alunos aqui que foram, o trabalho foi muito mais de repetição, trabalhar com a família silábica, a família silábica simples, silábica complexa e foi muito trabalho assim, quase como psicólogo mesmo, psicólogo de conversar com eles, falar o quanto é importante, porque não adiante, eu percebi que não estava adiantando, chegaram a o ponto que eles não queriam, então chamei os pais, responsáveis, olha teu filho não quer, ele tem que ser alfabetizado senão ele vai ficar reprovado no 5º ano.

Possivelmente eles ficariam reprovados no 3º ano mesmo se não tivesse pandemia, eu falo para eles procrastinaram o problema jogando para frente, mais estava vendo alguma certa evolução mesmo, mais tá difícil. (Professor A)

Diante da resposta do professor A muitas crianças ainda tem dificuldade em conteúdos básicos do 3º e 5º ano. Porém fica difícil começar a passar conteúdos para as crianças que ainda não estão alfabetizadas, conforme o professor ele utiliza de vários recursos para que seus alunos consigam entender os conteúdos que irão ser visto. Ele aderiu ao reagrupamento com outra turma de 5º ano para ver se os seus alunos iriam evoluir sendo que não aconteceu essa evolução, então resolveu mudar de tática e foi fazendo outros trabalhos com a turma, repetição de conteúdos, entre outros recursos como até mesmo chamar a família para ver o que aconteceu com esses alunos, pois com a pandemia a situação se agravou mais.

Desse modo, quando foi indagado ao docente quais práticas de Alfabetização e Letramento propiciam, do seu ponto de vista, o aprendizado dos educandos (as) em seu contexto de atuação, obtive a seguinte resposta

A dificuldade em relação ao aprendizado em que chega a um ponto que bate, vou usar a palavra desespero, a gente precisa fazer alguma coisa, eu tenho usado muito a questão da leitura, eu acho que a leitura é importante para o letramento e alfabetização para compreensão de mundo e é claro é mais para compreensão de um problema onde permeia história, geografia, matemática todas as disciplinas, gosto de trabalhar muito leitura desde do início e a repetição do trabalho, é isso acho que a leitura é muito importante gosto muito de trabalhar leitura. Escrever, ler, assistir vídeos, tento usar o máximo de recursos possíveis para ajudar no aprendizado. (Professor A)

Assim, percebe-se que ele responde sobre as dificuldades que encontra no aprendizado em relação aos alunos e que nessa hora o desespero acaba atrapalhando, porém enfatiza que o professor deve, portanto, ficar atento às mudanças que vêm acontecendo na aprendizagem e que é muito importante recorrer a vários recursos para que as crianças consigam compreender que a leitura é muito importante.

Diante disso, continuando com a entrevista foi perguntado ao professor como ele organiza o seu trabalho atendendo tanto essas crianças como as outras que já estão alfabetizadas no ensino de conteúdos escolares e o professor respondeu

A princípio fizemos reagrupamentos, não estava vendo evolução na minha opinião, então nos reunimos com a direção e coordenação e elas sugeriram né, para eu continuar com o reagrupamento, a gente tentou fazer o reagrupamento mais eu separei praticamente a turma em três partes. Então uma parte da turma tem uma família silábica colada na mesa, tem o apoio das famílias complexa aqui na frente, eu dou praticamente duas aulas no mesmo tempo, dou uma aula para reforço, por exemplo, em matemática eu não chego a separá-los mais eu explico melhor para um do que para o outro e na aula de português, por exemplo, uma turma faz uma coisa e a outra turma faz outra atividade diferente. (Professor A)

O professor relata que no começo foi feito reagrupamento com a turma, porém, não estava vendo resultado então ele achou melhor separar a turma e fazer diferente, achei interessante quando ele falou que nas mesas desses alunos é colada a família silábica, na outra

as sílabas mais complexas dando duas aulas em sala para ver se as crianças conseguem acompanhar os outros alunos já alfabetizados. Na seqüência, o docente continuou respondendo como a escola está lidando com essa dificuldade pós-isolamento social:

É uma dificuldade que temos que enfrentar né, primeiro bate o desespero e depois a gente começa a planejar, a pensar, a rever. Eu acho que a avaliação é um instrumento importante, fizemos a diagnose inicial, fiz também a diagnose volta do recesso, por isso posso dizer que muitos melhoraram né, na escrita. (Professor A)

O professor deixa bem claro que foi uma dificuldade que precisaram encarar neste momento tão difícil para os alunos e para toda comunidade escolar, pois tudo isso abalou o método de planejamento, todos precisaram mudar suas metodologias, repensar e rever tudo que já estava planejado.

Destarte, para concluir a entrevista semiestruturadas com o docente, foi indagado então, sobre quais estratégias você utiliza para ajudar as crianças a se alfabetizarem, e obter um resultado satisfatório:

Bom esse é um trabalho difícil porque assim, quando a gente teve que mudar a chave da cabeça, porque 5º ano não é para alfabetizar, a gente tá aqui para poder passar o máximo de conteúdos para eles e claro trabalhar leitura, que eu já tinha como projeto mesmo que não fosse alfabetizado, trabalhar questão de trabalhar em grupos, exemplo, tenho alguns projetos para fazer.

A estratégia que eu uso é que depois de tudo isso, depois de perceber que a gente tem que alfabetizar mesmo foi além do reagrupamento, além da divisão. É um trabalho assim de formiguinha mesmo, todo dia um pouquinho, está sendo ainda porque na verdade tenho duas crianças que não estão evoluindo e chama responsável para conversar, porque a gente também tem uma coisa que a escola tem feito que eu acho importante e eu faço também é chamar a família porque não podemos assumir as responsabilidades somente sem a família, então trazemos a família e converso, olhe seu filho está assim e tal. A gente busca atendimento, exemplo fez o chamado PSE que é o encaminhamento não direto com algum tipo de médico, mais um relatório de observação do aluno que ele está com dez anos e não se alfabetizou, tenho alguns alunos que apresentam muitas dificuldades então precisam de um trabalho mais técnico, minucioso, médico inclusive, teve por exemplo aluno que estava sem óculos, falei com a mãe poxa o aluno não enxerga bem, cadê os óculos, a gente busca tem que correr atrás porque é assim as vezes fazemos um trabalho que não é nosso, a gente vira psicólogo, até pai as vezes dele, ainda mais eu como figura masculina e muitos não tem pais, eles buscam em mim uma referência e eu acabo dando conselho, conversando sobre futuro e outras coisas.

Mais a parte mais importante que temos feito é trazer a família para escola e isso é fundamental, acho super importante e sempre foi, mas para enfrentar a pandemia e fazer com mais força o que a gente já fazia e com mais intensidade. (Professor A)

Todavia, ele ressalta que para se obter uma aprendizagem significativa dos educandos (as), no processo de Alfabetização e Letramento, é necessário que haja um envolvimento de todo corpo docente e toda comunidade escolar, a educação ofertada aos educandos (as), necessita de um trabalho conjunto, enfatizando sempre o processo de ensino/aprendizagem, para assim, obter um resultado que satisfaça a todos os envolvidos. Sendo assim, foi

perceptível que o professor da instituição escolar se preocupa em inovar suas aulas, tornando-as mais leve e descontraída, levando em consideração o processo de ensino/aprendizagem. Com isso, foi observado que há um empenho e comprometimento de todo corpo docente e da gestão escolar para com os educandos (as), buscando sempre proporcionar o melhor para todos no que se refere a uma educação de qualidade.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho podemos perceber o quanto os processos de alfabetização e letramento são essenciais para a educação de todos os alunos, pois, a partir da escrita e da leitura, fazendo seu uso em diferentes práticas sociais, estes irão se perceber inseridos e se reconhecer como participante da sociedade. Como resultado, os sujeitos analfabetos, por não terem a oportunidade adequada de se engajar nessa prática no ambiente escolar, infelizmente são muitas vezes excluídos e malvistas pela sociedade.

Sendo assim, o trabalho atual atinge os objetivos que estavam propostos, apresentando assim os conceitos e processos de alfabetização e letramento, e como uma discussão contemporânea sobre o tema traz a importância da perspectiva atual de alfabetizar/letrando.

No entanto, este estudo também apresentou práticas metodológicas que o professor usa em sala de aula, trazer reflexões sobre essas práticas educacionais.

Dessa forma, as práticas alfabetizadoras são imprescindíveis para se alfabetizar no ponto de vista do letramento, por isso, os professores precisam ter uma visão clara nessa compreensão pelas funções sociais da leitura e da escrita, que promoverá efetivamente, o processo de aprendizagem do aluno que traz conhecimentos importantes, usado de forma relevante fora da sala de aula. No entanto, o processo de leitura e escrita não pode parar apenas no processo educacional, é essencial que as práticas metodológicas usadas pelo professor, possam construir relacionamentos significativos, que estimulem os alunos a se tornarem leitores e escritores em todo o mundo.

Com isso em mente, as informações obtidas neste estudo, bem como a entrevista realizada em uma turma do 5º ano dentro de uma comunidade da Maré, podemos perceber que há um educador dedicado à sua prática docente, também em contexto educacional, da mesma maneira as práticas que competem à alfabetização e o letramento.

A importância da formação continuada para os educadores é reconhecida desta forma pela necessidade de melhoria contínua do conhecimento, a fim de descobrir novas práticas pedagógicas relevantes e importantes para integrar no processo de ensino/aprendizagem.

Por todas estas razões, a experiência neste campo de estudo permitiu-me aprendizagens significativas, sobre a importância das escolhas metodológicas na prática de ensino desde o momento em que os professores estão bem cientes de seus critérios de seleção. Outra questão relacionada levantada na discussão apresenta-se neste trabalho o uso da leitura e da escrita, que efetivamente promoverá o processo de alfabetização e seu uso, por meio da prática social, levará o letramento na sala de aula. Outra questão levantada nesta entrevista

foi como o professor lidou com esse ano atípico por causa da pandemia em relação ao aprendizado dos alunos em sala de aula.

Foi possível refletir sobre as questões citadas no início deste trabalho, porém um aprofundamento ficará para outras pesquisas futuras.

Em vista disso, as questões levantadas na referida entrevista ao logo deste trabalho permitiu-me pensar sobre a minha prática docente em sala de aula contribuindo para a minha formação no curso de Pedagogia e ampliação do meu olhar no que diz respeito à educação, pois foi de grande importância para este estudo.

REFERÊNCIAS

- BEHENS, M. A.; OLIARI, A. L. T. **A Evolução dos Paradigmas na Educação: do Pensamento Científico Tradicional a Complexidade.** Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-56, set-dez. 2007.
- CARVALHO, M. Alfabetizar e Letrar: **Um diálogo entre teoria e a prática.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
- COLELLO, S. M.G. **Alfabetização: Do conceito à Prática Pedagógica** Videtur Letras, Habana- São Paulo, Mandruvá, 2001
- MINAYO, M. C. S. (Organizadora). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 31. ed. Petrópolis, RJ: Editora, Vozes, 2012.
- DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- FERREIRO, E. **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever.** 4. ed. São Paulo, Editora: Cortez, 2012
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.** 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, Â. B. **Precisa ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem (CEFIEL). Ministério da Educação. Unicamp, 2005.
- MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, E. S. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática.** In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS,
- MINAYO, M. C. S. (Organizadora); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 31.ed. Petrópolis, RJ: Editora, Vozes, 2012

MORTATTI, M. R. L. **Os Sentidos da Alfabetização**. Ed. São Paulo: Editora. Unesp, 2000, 2004)

SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetizar Letrando. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1. ed, 1º reimpressão. Belo Horizonte: Editora. Autêntica, 2007.

SILVA, C. S. R. **O Planejamento das Práticas Escolares de Alfabetização e Letramento**. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.) Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula. Ed. Belo Horizonte: Editora, Autentica: Caele, 2008.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização e o Cotidiano: Vozes dispersas, caminhos alternativos**. Calidoscópico. 2018

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ALFABETIZADOR

1- Quais as dificuldades que você vê no trabalho com o 5º ano em relação à alfabetização? Quais seriam essas dificuldades?

O problema é o desnível, é uma turma muito heterogênea, tenho aluno aquém que são muito fortes leitores, tem um padrão de vida totalmente diferente, eles têm acesso à cultura uns seis alunos bem acima em termos culturais, tenho aluno com níveis altíssimo em questões culturais e conhecimentos e tenho alunos totalmente analfabetos. Peguei no início do ano bem complicado entre eles, tem outros níveis médios para fraco e médio para alto, tenho quatro, cinco grupos diferentes na sala.

2- Como você avalia o que falta nessas crianças para alfabetizá-lo. Quais os fatores que você acha que aconteceu para que eles chegassem ao 5º ano sem serem alfabetizados?

O acúmulo de coisa, agente pode até justificar, por exemplo, o 5º ano agora é o 3º ano de pandemia que concluiu a alfabetização, mais na verdade a criança tem é que está alfabetizada até o 3º ano, ou seja, ela teve o 2º e o 3º ano para se alfabetizar, eu não vejo muito assim, eu acreditava que a pandemia ia trazer alunos atrasados em relação ao conhecimento e não alunos analfabetos, as crianças analfabetas hoje já é um problema de antes da pandemia, a pandemia só potencializou o problema já existia.

3- Como estão as crianças na alfabetização no 5º ano pós-isolamento social? O que mudou? As dificuldades são as mesmas? Ou piorou?

Então antes da pandemia eu era professor do 4º ano, já tinha alguns alunos analfabetos mais eu sentir que teve um aumento mesmo, de fato tinha alguns alunos, agente sempre teve e desde que eu entrei sempre via essa grande diferença entre os alunos alfabetizados, muitos alunos ortográficos no 3º, trabalhei com 3º anos dois anos, depois fui para o 4º ano e 5º ano.

O 3º ano é muito evidente boa parcela da turma ainda não está alfabetizada. Mais a grande dificuldade, a questão é que assim é um desafio porque o 5º ano tem conteúdo, já começa a carregar conteúdos, como é que vamos passar conteúdos para uma criança que não é

alfabetizada, então eu utilizo muitos recursos, vídeos reproduzido no projetor, mais aí enfrenta outros problemas da escola pública mais eu divido a turma fazendo reagrupamento junto à outra turma do 5º ano e não estava vendo evolução, peguei mais ou menos uns dez alunos muito fracos que no 1º diagnóstico tidos como analfabeto, depois com alguns meses de aula mais ou menos 2 meses eu percebi que não eram analfabetos, só estavam com falta de prática, então conseguir selecionar mais ou menos uns seis alunos realmente analfabetos e os quatro ali fracos. Desses seis hoje a gente consegue, tenho dois que evoluíram muito, muito em relação ao que eles eram e não em relação à turma, que está muito aquém ainda, mas é evolução deles é evidente, tenho dois alunos aqui que foram o trabalho foi muito mais de repetição, trabalhar com a família silábica, a família silábica simples, silábica complexa e foi muito trabalho assim, quase como psicólogo mesmo, psicólogo de conversar com eles, falar o quanto é importante, porque não adiante, eu percebi que não estava adiantando, chegaram a o ponto que eles não queriam, então chamei os pais, responsáveis, olha teu filho não quer, ele tem que ser alfabetizado senão ele vai ficar reprovado no 5º ano.

Possivelmente eles ficariam reprovados no 3º ano mesmo se não tivesse pandemia, eu falo para eles procrastinaram o problema jogando para frente, mais estava vendo alguma certa evolução mesmo, mais tá difícil.

4- Quais práticas de alfabetização e letramento propiciam, do seu ponto de vista o aprendizado dos alunos (as) em seu contexto de atuação?

A dificuldade em relação ao aprendizado em que chega a um ponto que bate, vou usar a palavra desespero, agente precisa fazer alguma coisa, eu tenho usado muito a questão da leitura, eu acho que a leitura é importante para o letramento e alfabetização para compreensão de mundo e é claro é mais para compreensão de um problema onde permeia história, geografia, matemática todas as disciplinas, gosto de trabalhar muito leitura desde o início e a repetição do trabalho, é isso acho que a leitura é muito importante gosto muito de trabalhar leitura. Escrever, ler, assistir vídeos, tento usar o máximo de recursos possíveis para ajudar no aprendizado.

5- Como você organiza o seu trabalho atendendo tanto essas crianças como as outras que já estão alfabetizadas no ensino de conteúdos escolares?

A princípio fizemos reagrupamentos, não estava vendo evolução em minha opinião, então nos reunimos com a direção e coordenação e elas sugeriram né, para eu continuar com o reagrupamento, a gente tentou fazer o reagrupamento mais eu separei praticamente à turma em três partes. Então uma parte da turma tem uma família silábica colada na mesa, tem o apoio das famílias complexa aqui na frente, eu dou praticamente duas aulas no mesmo tempo, dou uma aula para reforço, por exemplo, em matemática eu não chego a separá-los mais eu explico melhor para um do que para o outro e na aula de português, por exemplo, uma turma faz uma coisa e a outra turma faz outra atividade diferente.

6- Como a escola está lidando com essas dificuldades pós-?

É uma dificuldade que temos que enfrentar né, primeiro bate o desespero e depois a gente começa a planejar, a pensar, a rever. Eu acho que a avaliação é um instrumento importante, fizemos a diagnose inicial, fiz também a diagnose volta do recesso, por isso posso dizer que muitos melhoraram né, na escrita.

7- Quais estratégias você utiliza para ajudar as crianças a se alfabetizarem? E obter um resultado que você considere satisfatório?

Bom esse é um trabalho difícil porque assim, quando a gente teve que mudar a chave da cabeça, porque 5º ano não é para alfabetizar, a gente tá aqui para poder passar o máximo de conteúdos para eles e claro trabalhar leitura, que eu já tinha como projeto mesmo que não fosse alfabetizado, trabalhar questão de trabalhar em grupos, exemplo, tenho alguns projetos para fazer.

A estratégia que eu uso é que depois de tudo isso, depois de perceber que a gente tem que alfabetizar mesmo foi além do reagrupamento, além da divisão. É um trabalho assim de formiguinha mesmo, todo dia um pouquinho, está sendo ainda porque na verdade tenho duas crianças que não estão evoluindo e chama responsável para conversar, porque a gente também tem uma coisa que a escola tem feito que eu acho importante e eu faço também é chamar a família porque não podemos assumir as responsabilidades somente sem a família, então trazemos a família e converso, olhe seu filho está assim e tal. A gente busca atendimento, exemplo fez o chamado PSE que é o encaminhamento não direto com algum tipo de médico, mais um relatório de observação do aluno que ele está com dez anos e não se alfabetizou,

tenho alguns alunos que apresentam muitas dificuldades então precisa de um trabalho mais técnico, minucioso, médico inclusive, teve, por exemplo, aluno que estava sem óculos, falei com a mãe poxa o aluno não enxerga bem, cadê os óculos, a gente busca tem que correr atrás porque é assim às vezes fazemos um trabalho que não é nosso, a gente vira psicólogo, até pai às vezes dele, ainda mais eu como figura masculina e muitos não tem pais, eles buscam em mim uma referencia e eu acabo dando conselho, conversando sobre futuro e outras coisas.

Mais a parte mais importante que temos feito é trazer a família para escola e isso é fundamental, acho super importante e sempre foi, mas para enfrentar a pandemia e fazer com mais força o que a gente já fazia e com mais intensidade.